

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 86 — Domingo, 30 de Janeiro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ABOLIÇÃO DE VISTOS EM PASSAPORTES

Os Governos português e sueco assinaram um acordo para abolição recíproca de vistos, em passaportes, o qual entrará em vigor no próximo dia 1 de Fevereiro.

AVENÇA

UM PROJECTO DE SUGESTÃO SOBRE A INDÚSTRIA DE CONSERVAS

que tem que ser cautelosamente estudado por industriais e armadores, para se evitarem, no futuro, desentendimentos lesivos a ambas as partes, e até para a economia da Nação

Foi presente à Câmara Corporativa, a fim de ser estudado, um projecto de sugestão ao Governo, da autoria do procurador, sr. José António Ferreira Barbosa, com o qual se pretende regulamentar a indústria de conservas. Esse documento interessa extraordinariamente à nossa provincia, pois quatro das suas principais localidades — Vila Real de Santo António, Olhão, Portimão e Lagos — vivem exclusivamente da pesca e conservas. Precisamente por isso e para conhecimento dos interessados, e antes que sejam tomadas quaisquer

decisões que possam ocasionar prejuízos irreparáveis à economia da provincia, publicamos o citado projecto de sugestão, lamentando que a falta de espaço não nos permita inserir o esclarecimento aos artigos 3.º a 12.º. Sempre concordámos e achámos indispensável estabelecer certa harmonia entre indústrias tão importantes como são as da pesca e conservas de peixe, mas é indispensável que esta harmonia não prejudique qualquer das partes.

Pelo pouco que podemos descontinuar, pretende-se ratar pelos industriais quotas de produ-

ção exportável, acrescentando-se, no esclarecimento, que tais «quotas serão atribuídas às empresas industriais, constituindo um todo as daquelas que possuam mais de uma fábrica, quer no mesmo, quer em vários centros». Ora, como o mesmo projecto de sugestão estabelece que se façam acordos com a pesca em relação a cada centro produtor de pesca e conservas, pode acontecer que uma organização industrial, com fábricas em mais de um centro, labore a maior parte ou a totalidade da quota que lhe for atribuída no centro onde o peixe (mesmo por acordo) obter menor valorização, como sucede, por exemplo, em Peniche, Nazaré e Setúbal, onde, em Agosto findo, os preços da sardinha foram, respectivamente, de 1\$69, 1\$75 e 1\$47, enquanto nos centros de Vila Real de Santo António, Olhão e Matosinhos, no mesmo mês, a sardinha vendeu-se, respectivamente, a 4\$08, 3\$07 e 2\$59. Seriam assim lesadas as fábricas destes e doutros centros que melhor pagam, e lesados seriam também os armadores e pescadores.

No mesmo projecto de sugestão, pela leitura rápida que dele fizemos, advoga-se a vantagem da limitação das fábricas. Se bem que consideremos anti-pática a ideia da limitação de actividades úteis e que dão pão a muitas bocas, admitimos em princípio, de má vontade, tal limitação, desde que ela não atinja os centros piscatórios e industriais cuja economia assenta exclusivamente nos produtos do mar. Portanto, se limitações se fizerem, devem estas começar pelas fábricas de conservas de peixe de Lisboa, cuja economia nada sofrerá com o desapareci-

A DRAGAGEM DA BARRA DO GUADIANA

DO sr. D. Enrique Suárez de Puga, ilustre Cônsul de Espanha, em Faro, recebemos, a propósito do artigo publicado no nosso número anterior, com o título acima, uma carta que gostosamente transcrevemos, seguidamente, respeitando o idioma original.

No nosso próximo número, referir-nos-emos novamente a este assunto, do maior interesse para esta terra, mas desde já agradecemos ao brilhante diplomata as suas amáveis e valiosas informações, manifestando-lhe o nosso maior apreço e alta consideração.

Eis a carta:

Faro, 25 de enero de 1955

Excmo. Sr. Director do «Noticias do Algarve»
Villa Real de San Antonio.

Mi querido Director:

Tengo el gusto, en primer lugar, de felicitarle por el magnífico semanario que tan dignamente dirige y por el interés que toma en la defensa de los intereses de esa localidad, cosa laudable, desde todos los puntos de vista, y por ello mismo y en honor a la exactitud, le ruego sinceramente me permita aclarar los términos de una Nota aparecida en el último número de «Noticias do Algarve», relativa a las obras de dragado del rio Guadiana. Comprendo y apruebo el tesón con que defiende la realización de las citadas obras imprescindibles para el desarrollo de ese importante puerto y mantengo el mismo criterio en cuanto a la necesidad de su realización. Asimismo las autoridades portuarias de la provincia de Huelva, lo han comprendido y están dispuestas a dar pruebas de ello.

Por consiguiente en la pasada reunión que tuvo lugar en Huelva, entre las Autoridades de los Puer-

tos del Algarve y sus correpondientes de Huelva, a fin de concretar los detalles de un plano común de acción de dragado de la barra, se llegó a los siguientes puntos de acuerdo:

Primero. — Que la labor de dragado debería ser una tarea conjunta de ambos países, dado que se trata de un rio en su tramo internacional y que los puertos y

ESTAMPAS

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL EM PORTUGAL

Amizade e consulta. Nesta hora conturbada, o exemplo da comunidade luso-brasileira, sempre guiada pelos preceitos de Amizade e Consulta que condimentam a nossa tradicional amizade e apaziguam quaisquer sombras de conflito, é perfeito. Nada de melhor pode ga-

rantir a nossa reciproca compenetração e preceito patriarcal, que a desse fabuloso país que, maior que muitos impérios desfeitos pela História nas brumas da lenda, hoje nos surgem como remotas origens de cada vez mais ténues vestígios literários e artísticos. Sem conflitos de importância se separou o Brasil, ao alcançar a hora portentosa da sua maioridade e, também sem conflitos de vulto, tem sabido guiar a sua conduta, tanto externa como interna, apesar de já contar século e meio de independência.

O presidente doutor Café Filho Ainda recen-

DR. ASCENSÃO MENDONÇA

EM missão oficial, seguiu de avião para Lourenço Marques, na semana finda, este distinto cientista e nosso muito devotado comprouvianço, que, na qualidade de chefe da Missão Botânica de Angola e Moçambique, vai proceder, com uma comissão de botânicos ingleses, ao reconhecimento fitológico da área da flora zambeziã, que compreende a nossa grande provincia da África Oriental, a União das Rodésias e a Niassalândia.

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Riqueza

A riqueza de um individuo não é mais, geralmente, do que uma maneira capciosa de demonstrar a pobreza do colectivo.

Ergue-te...

...E caminha. Dificuldades? Amarguras? Abismos? Não importa. Ergue-te e caminha. Não te basta uma eternidade para estar morto?

Não há gestos inúteis

Palavra de honra, se não admira o vento. Milhões de viagens que ele faz, para semear o pólen na terra inculta. Incansável. Eis aqui alguém para quem nenhum gesto é inútil.

Cinema de Hollywood

«O cinemascópio faz-me lembrar um balão de oxigénio, que fosse aplicado a um defunto.» Eis um pensamento que mostra bem que, em Arte, quando não é válido o conteúdo de uma obra, a obra não é válida.

Ao gosto do ouvinte

As janelas não se medem aos palmos. Pequena é esta que se chama paz. E no entanto, (CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

PANORAMA DO MUNDO

UM POLIGLOTA DISTINTO

Por F. MORAIS

DIZIA um grande pensador, sem queda para as línguas estranhas, que mais vale ter cinco ideias numa língua, do que

saber exprimir uma só, em cinco idiomas diferentes.

Não obstante isto ser verdade, no fundo, não deixa todavia de ser vantajoso e até decorativo dominar, com maior ou menor fluência, umas tantas línguas estranhas, como meio de contacto ou instrumento de trabalho, desde que se não claudique no conhecimento da própria, como é curial. Ora, aconteceu, segundo noticiam os jornais, que na cidade condal de Barcelona foi recentemente organizado um concurso de línguas vivas, não para filósofos de lavita e lunetas, mas... para papagaios (com penas, não confundir...).

Pois, verificou-se que o melhor concorrente, de entre os psitacos, «falava», com clareza e correcção prosódica, nada menos do que sete línguas, mas, apesar disso, o júri viu-se obrigado a desclassificar o portento alado. Isto, porque todos os (CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

A VISITA AO ALGARVE DO SUBSECRETÁRIO DE ESTADO

DA EDUCAÇÃO NACIONAL

DIGNA-SE visitar o Algarve Sua Excelência o senhor Subsecretário da Educação Nacional, dr. Henrique Veiga de Macedo, nos dias 2 e 3 do próximo mês de Fevereiro, a fim de verificar das necessidades do ensino primário do Distrito, e bem assim do andamento da Campanha Nacional de Educação de Adultos, que inicia agora o seu segundo período de 2 anos. Com o sr. Governador Civil, Director do Distrito Escolar e presidentes das Camaras, estudará a construção de novos edificios escolares ainda necessários.

No Distrito, já existem 95 edificios, com o total de 282 salas, do Plano dos Centenários.

Programa das actividades oficiais, no Algarve, pelo Subsecretário de Estado de Educação Nacional, no Governo Civil de Faro

DIA 2

Às 10 horas — Reunião com as Comissões Distrital e Concelhias (CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

NOVAS ESCOLAS E POSTOS ESCOLARES

Para atender ao excesso de matriculas, o Subsecretário de Estado da Educação Nacional criou mais 57 escolas e 51 postos escolares, em diversos distritos do País.



Aproveitando o defeso, a nossa frota de pesca submete-se à clínica dos estaleiros, onde vai agora grande azáfama.

POR QUE NÃO SE CRIA UM PRÉMIO DE PESCA?

AS Municipalidades de portos pesqueiros de vários países do mundo, com o intuito de estimular e premiar o esforço dos seus pescadores, criaram há muitos anos troféus, que são entregues no final da temporada ao barco que melhor campanha realizou.

Há pouco, em Frazerburgh e Peterhead, na Inglaterra, foram

entregues os troféus «Maitland» e «Boothby» às traineiras «Accumulator» e «Fruiful», especialmente, por terem sido as que melhores pescas de arenque efectuaram.

Nunca em Portugal, que nos consta, se pensou premiar, pública e oficialmente, os trabalhadores do mar, a não ser em cerimónias esporádicas e em circunstâncias singulares.

E, no entanto, grande parte da estrutura económica do País assenta no labor dos homens do mar.

Alguma coisa se tem feito em favor destes, não no nosso concelho, que, apesar de ser um dos maiores centros de pesca do território nacional, não tem um bairro para pescadores nem sequer é sede de uma Casa destes. O que não impede que se façam aqui volumosas cobranças destinadas a esses trabalhadores do mar.

Mas, voltemos aos prémios, e deixemo-nos de lamentações inconsequentes.

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

FESTA DA AMENDEIRA E CARNAVAL EM PORTIMÃO...

TUDO parece indicar que os festivais carnavalescos, que se vão realizar pela quinta vez na cidade de Portimão, no próximo mês de Fevereiro, atingem um grande brilhantismo, superando os dos demais anos.

Todos os Portimonenses vão pôr à prova o seu bairrismo, concorrendo, assim, cada um com o seu esforço, trabalho, dedicação e altruísmo, para que tudo resulte num grande e assinalado êxito, visto que o produto líquido destas benemerentes diversões é destinado não somente à construção do novo Hospital, como ainda à Assistência Cidadina, que também necessita do amparo de todos.

Assim, a Comissão conta com o apoio decidido dos seus conterrâneos, e qualquer esclarecimento pode ser obtido pelos telefones 82 e 127.

...E AS BATALHAS DE FLORES DO CARNAVAL EM LOULÉ

MAIS uma vez, a simpática e progressiva vila de Loulé vai festejar o Carnaval, com as suas tradicionais batalhas de flores, que tanto interesse despertam não só no Algarve, como em todo o País. A tradição manter-se-á, assim, brilhantemente, graças ao bairrismo e dedicação que os louletanos põem em todas as suas realizações. E esta, do Carnaval, tem, para mais, o mérito de contribuir, com a receita arrecadada, para diversas e importantes obras de assistência naquele concelho. Estamos certos de que as batalhas de flores que se travarão em Loulé, nos três dias do Entrudo, não desmerecerão, em atractivos e entusiasmo, das dos anos anteriores.

A CIDADE DE PORTIMÃO O MODERNISMO

Por MARCOS ALGARVE

III BENEMÉRITO Francisco de Bivar pertence ao pequeno número de filhos de Portimão, a quem se pode conceder, sem macular a verdade, o título de homem ilustre. Ilustre pelo nascimento, pelo porte, pelo amor ao próximo e à sua terra natal. Figura distinta, amável para todos, discretamente aristocrata e liberal, circulava nas suas veias o sangue do avô paterno, vítima do bando miguelista capitaneado pelo guerrilheiro Remechido. Durante anos, presidiu aos destinos da Câmara Municipal de Portimão, com um sentido e uma dedicação verdadeiramente inteligentes e económicos. As obras que realizava obedeciam a um plano previamente estudado, sempre cauteloso e regrado. Os seus orçamentos, com uma meticolosa administração, eram inflexivel-

mente respeitados; as despesas nunca excediam as receitas, o que demonstrava o seu apurado e honesto tacto administrativo.

Também eu, ao presidir à gerência da mesma Câmara, tive o cuidado de não realizar despesas superiores aos seus rendimentos. Seguiram-se, depois, no mesmo lugar, com breves intervalos, três filhos de Portimão: o sr. dr. António Teixeira Gomes, o sr. Francisco José Duarte e o sr. dr. Frederico Ramos Mendes e que, seguindo a norma traçada pelo benemerito Francisco de Bivar, desenvolveram a sua actividade com um senso prático merecedor de legítimos encómios.

Cumpriram, sem a menor vantagem material, o seu dever para com a terra que lhes serviu de berço.

Outros não procederam assim. O agrónomo Francisco de Bi-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Regressou do Porto, aonde foi em viagem de negócios, o nosso estimado amigo e assinante, sr. Francisco Lopes Madeira.

Encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, na companhia de sua esposa, o nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. Manuel António Caldeira, residente em Lisboa.

Também se encontram nesta vila os nossos prezados conterrâneos, srs. Amílcar e Domiciano Cavém, e Helder Santana Toledo, residentes na Covilhã.

Doente

Em Lisboa, onde reside, encontra-se doente, com certa gravidade, tendo sido internada do Hospital dos Capuchos, para ser submetida a uma melindrosa operação, a esposa do nosso prezado assinante, sr. Vaz Marques, residente naquela cidade.

Nascimento

Em Lisboa, onde reside, deu à luz uma criança do sexo feminino, no dia 27 do corrente, a sr.^a dr.^a D. Maria das Dores Gutierrez Medeiros Madeira, esposa do nosso amigo, sr. dr. Ivo Madeira, e filha do nosso prezado assinante e estimado amigo, sr. dr. João Domingues Medeiros, distinto advogado e notário nesta comarca, o qual, acompanhado de sua esposa, também se encontra temporariamente na capital.

Os nossos cumprimentos de parabéns.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

POR QUE NÃO SE CRIA UM PRÉMIO DE PESCA?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Parecia-nos que o nosso Município, à semelhança daqueles municípios ingleses, devia criar um prémio anual de pesca, destinado ao barco (traineira ou cerco) deste porto ou de qualquer outro porto algarvio, que no fim da safra maior volume de peixe tivesse vendido na nossa lota. Constituiria isto, além de um estímulo, uma justa recompensa aos que tão trabalhosa e arrancam ao mar a riqueza, que nos dá a prosperidade e em volta da qual gravita toda a nossa vida económica. Não se prestava favor nenhum com esta atitude; era apenas uma recompensa, e ao mesmo tempo uma prova de reconhecimento.

O prémio, que seria entregue em sessão pública nos Paços do Concelho, poderia consistir na oferta ao mestre de pesca de um troféu de prata (uma miniatura de traineira) com o seu nome e ano gravados; um galhardete com as cores e escudo municipais, para a traineira vencedora, e uma gratificação em dinheiro, para a tripulação.

E homenagearíamos, assim, os que bem merecem do nosso reconhecimento, e à volta dos quais tanto se palavreia... — B.

NOVOS ASSINANTES

Deram-nos o prazer da sua assinatura os srs. Mario Pescada, desta vila; Francisco Afonso, de Lisboa; o chefe do E. M. del Departamento Marítimo de Cadiz, de San Fernando, (Espanha), e o Sindicato Nacional dos Motoristas Marítimos e Fluviais do Distrito de Faro, com sede em Olhão.

Igualmente, inscrevemos como assinantes do nosso jornal, e indicados pelo nosso conterrâneo e assinante, sr. Manuel Samúdio, os nossos conterrâneos, srs. António Samúdio e José Travassos Rocha, ambos residentes em Vila do Conde. A todos, os nossos agradecimentos.

BARCO DE PESCA

A vapor, muito económico, queimando lenha e carvão, 120 CV., com alvará, pesca à linha e respectivo aparelho, servindo para rebocador de rio, vende-se.

Tratar: Rua dos Sapatéis, 62-2.º — Lisboa.

Visado pela Comissão de Censura

ORIGINALIDADE DA TERRA ALGARVIA

foi o tema de uma brilhante conferência do professor doutor ORLANDO RIBEIRO

POR iniciativa da Comissão Cultural da Casa do Algarve, o professor doutor Orlando Ribeiro, catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, realizou, no passado dia 15, na sede daquele organismo, em Lisboa, uma notável conferência intitulada: «A Originalidade da Terra Algarvia — Aspectos Geográficos».

Presidiu o sr. dr. Guerreiro Murta, antigo presidente da Direcção da Casa do Algarve, ladeado pelos senhores dr. António de Almeida, secretário-geral da Sociedade de Geografia, e major Mateus Moreno, dr. Garcia Domingues e Neves Franco, em representação dos corpos gerentes.

Depois de apresentado à numerosa e selecta assistência pelo sr. dr. Garcia Domingues, presidente da Comissão Cultural, em termos de grande e merecido elogio para a sua obra de cientista com méritos reconhecidos além-fronteiras, o conferencista começou por se referir à individualidade do Algarve, no xadrez do nosso território.

A essa individualidade — acentuou — corresponde uma profunda originalidade, marcada pelo clima, pela vegetação, pelo isolamento das serras que o separam do resto do País, pela importância da sua vida marítima e pelo reflexo de várias civilizações mediterrâneas que ali deixaram assinalada a sua passagem.

Escutou sempre com o maior interesse, o prof. dr. Orlando Ribeiro prosseguiu na sua notável conferência, sublinhando que o Algarve foi o primeiro centro da expansão portuguesa, e os paradigmas das paisagens das primeiras ilhas ocupadas no Atlântico encontram-se ali representados.

Depois de uma demorada ovação com que a assistência premiou o belo trabalho do reputado cientista, o sr. dr. Guerreiro Murta sintetizou, em termos justos, a óptima impressão deixada pelo conferencista em todos os que o escutaram.

Para confirmar as referências pessoais que fez à obra científica do conferencista, o sr. dr. Guerreiro Murta reproduziu, por entre aclamações, a afirmação (aliás já verificada), de De Martonne, de que o prof. dr. Orlando Ribeiro viria a ser um dos maiores geógrafos da Europa.

Foi como tal — como grande mestre e grande cientista, que não escondeu o carinho que lhe merece o Algarve (embora não tivesse nascido nele), que a assistência o ouviu e aplaudiu.

Assuntos regionais

Em sua última reunião, efectuada sob a presidência do sr. dr. José de Sousa Carrusca, e com a assistência dos representantes concelhios de Albufeira, Faro, Lagoa, Lagos, Loulé, S. Brás de Alportel, Silves e do delegado da Casa do Algarve em Lourenço Marques, o Conselho Superior Regional da Casa do Algarve em Lisboa, depois de tratados vários assuntos de interesse geral da província, deliberou:

a) — Aprovar por aclamação uma proposta apresentada pelo representante do concelho de Lagos, o escultor sr. Paletti Berger, no sentido de se exarar em acta um voto de congratulação pela decisão tomada pelo Governo da nação vizinha de mandar colocar no seu novo farol do Cabo Bojador uma lápida de homenagem ao Infante D. Henrique e ao glorioso piloto algarvio Gil Eanes, com o fim, não só de recordar a acção daquele ínclito príncipe e o facto de ter sido Gil Eanes o primeiro navegador a dobrar o referido cabo, como também de acentuar o reconhecimento devido por todo o Ocidente, a Portugal pela sua empresa dos Descobrimientos;

b) — Exarar igualmente em acta votos de saudação às comissões de Beneficência, Cultura e de Turismo da colectividade, pelo êxito assistencial e regionalista das suas últimas actividades, a primeira com a distribuição de um auxílio do Natal a 335 algarvios pobres, residentes em Lisboa e seus termos, num quantitativo de 12 mil escudos, não incluídas vá-

rias caixas de conservas de peixe, oferecidas por importantes firmas algarvias; a segunda, com a realização das notáveis conferências «A Sociologia do Desporto», pelo professor de Educação Física, sr. capitão Celestino Marques Pereira, «O Algarve e Garrett», pelo escritor e jornalista, sr. Julião Quintinha, e «A Originalidade da Terra Algarvia», pelo prof. dr. Orlando Ribeiro, e a terceira, com a organização do I Concurso Fotográfico de Motivos Algarvios, cujo regulamento já se encontra em distribuição;

c) — Dar a sua plena concordância às propostas de proclamação, como sócios honorários da Casa do Algarve, do glorioso luleitano, professor e ministro das Obras Públicas, engenheiro Duarte Pacheco — a título póstumo —, e do insigne publicista e académico, sr. prof. dr. Augusto da Silva Carvalho, natural de Tavira, — em comemoração do seu 85.º aniversário natalício, ocorrido em 15 do mês findo —, e dos srs. escultor Raúl Xavier, autor dos monumentos a Ataíde de Oliveira, em Loulé, e a D. Francisco Gomes, em Faro, e do jornalista do Porto, sr. Daniel Constant, em reconhecimento dos seus trabalhos de propaganda turística algarvia, especialmente de Sagres, como sócios beneméritos.

Eleição de novos corpos gerentes

Está convocada para 31 do corrente a Assembleia Geral Ordinária da Casa do Algarve, para apreciação e votação do Relatório e Contas de 1954; aprovação da previsão orçamental para 1955; proclamação de Sócios Honorários e Beneméritos e eleição de novos corpos gerentes.

Propaganda do Algarve no Porto

O presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve, sr. Hermenegildo Neves Franco, realizou no Ateneu Comercial do Porto, em 27 do corrente, uma conferência de propaganda turística, sob o título «Algarve — Jardim de trinta léguas», a qual foi seguida da exibição do filme-documentário «Algarve em flor».

CONTA-GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que paisagem maravilhosa — sol, distância, felicidade... — se avista dela!

Desequilíbrio

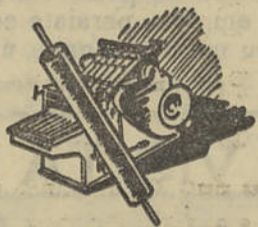
As estrelas são racionadas? Não são.
O sol é racionado? Não é.
O ar é racionado? Não é.
Mas o pão é racionado. E é, apenas devido a este incidente sem importância, que o universo se encontra em constante desequilíbrio.

Concordam?

O coração do homem permanece vivo, enquanto nele vive a esperança. E' por isso que os grandes corações são eternos.

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS



As mais modernas máquinas automáticas ao serviço nas nossas oficinas, que V. Ex.ª deverá preferir para a confecção de IMPRESSOS e CARIMBOS

TELEFONE 69 APARTADO 3
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



PROVINCIA

PORTIMÃO

Portimonense Sporting Clube

No passado dia 19 do corrente, e em Assembleia Geral do Portimonense Sporting Clube, foram eleitos os seguintes corpos gerentes para o ano em curso:

Assembleia Geral: presidente, dr. José Costa Guerreiro de Matos; secretários, Duarte R. Ramalho Ortigão e António Cristóvão.

Direcção: presidente, João Simões Tavares; vice-presidente, dr. A. Rocha da Silveira; secretários, João Brás Machado e Fernando Grade Silvestre; tesoureiro, Manuel Pedro Boneca; vogais, José S. Júnior e Manuel Tavares Júnior; suplentes, Amadeu Figueiras d'Andrade e José Eduardo Martins.

Comissão Revisadora de Contas: Manuel Messias Palminha, Rogério Cabrita Bastos e Justiniano C. Pereira. — e.

OLHÃO

Três embarcações afundadas

No passado dia 27, devido à forte ondulação do mar e ao assoreamento da barra, três embarcações de pesca de Monte Gordo, com onze homens de tripulação, foram arrastados pelo mar. Aos gritos aliti-vos de socorro, acudiu o salva-vidas «Rainha D. Amélia», que, dirigido pelo velho lobo do mar Joaquim Alberto Casaca, conseguiu recolher os naufragos, os quais foram conduzidos para esta vila, em cuja capitania do porto receberam os primeiros socorros, sendo-lhes distribuídos agasalhos, na Casa dos Pescadores.

O capitão do porto ordenou que os sinistrados fossem conduzidos, numa ambulância, às suas residências. Os mestres dos barcos naufragados eram Rafael da Rosa Gualdim, Manuel Rosa Alexandre e António Rosa, todos de Monte Gordo. O salva-vidas saiu novamente para o mar, a fim de tentar recolher as embarcações afundadas. — e.

LUZ DE TAVIRA

Visita de Nossa Senhora de Fátima

Tudo se prepara para que as festas em honra de Nossa Senhora de Fátima, que permanecerá nesta freguesia durante a semana de 30 do corrente a 6 de Fevereiro, decorram com o maior brilhantismo possível. E' de esperar que os luzenses saibam ser dignos de elogios pela maneira como sempre costumam tomar parte nas suas festas religiosas, e se incorporem todos na procissão da chegada de Nossa Senhora, a qual terá o seu início, hoje, na ponte do Arroio, pelas 6 horas da tarde.

Subsídio

Acaba de ser concedido à Casa do Povo desta localidade, pela sua Junta Central, um subsídio de 800\$00, destinado a auxiliar este Organismo na construção de um relógio-de-sol, que deverá, dentro em breve, ser colocado numa das paredes do seu edifício-sede.

Sociedade Recreativa Musical Luzense

Damos, a seguir, os nomes e cargos dos novos corpos directivos desta Sociedade Recreativa, para o seu exercício de 1955:

Assembleia Geral: presidente, José Joaquim M. Felício; vice-presidente, João da Luz e Brito; vogais, José António Correia Dourado e João Viegas de Mendonça.

Conselho Fiscal: presidente, Henrique José Alves de Passos; vogais, António Correia Martins e António José Soares.

Direcção: presidente, Joaquim Damião Palmeira; secretário, José Evangelista Cabeçudo; tesoureiro, António Eduardo Correia; vogais, António Sabino E. Fialho, Luciano do Carmo Avó, Vivaldo Américo dos Reis e Leandro Baptista Correia. — e.

Assina e propaga: «Notícias do Algarve»

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Grilhões e frutos secos

De Janeiro a Outubro do ano findo, exportaram-se, de cortiças não manufacturadas, 106.336 toneladas. Os principais compradores foram os Estados Unidos, que adquiriram 87.680 toneladas; a Inglaterra, 16.256 toneladas e a Alemanha, 9.852 toneladas.

A cortiça em obra, exportada no mesmo período, atingiu o peso de 26.102 toneladas, tendo sido o maior comprador a Inglaterra, que adquiriu 6.103 toneladas. Seguiram-se os Estados Unidos, com 4.168 toneladas, e o Canadá, com 2.263 toneladas. O principal consumidor de cortiça em disco foi a União Sul-Africana, que comprou 296 toneladas. A Alemanha foi o principal comprador de rolhas (1.265 toneladas).

Exportaram-se 1.453 toneladas de óleo de sardinha, figurando como principais compradores a Alemanha e a Noruega, e seguindo-se a Holanda, Itália e o Irão.

Ainda no mesmo período, saíram para o estrangeiro 3.813 toneladas de alfarroba, adquiridas, na sua maior parte pela Irlanda e Itália.

De amêndoa em miolo, exportaram-se 4.916 toneladas, metade das quais seguiram para a Inglaterra. Os outros compradores mais importantes foram: Bélgica - Luxemburgo, 602 toneladas; França, 556 toneladas; Suécia, 406 toneladas, e Alemanha, 288 toneladas. De amêndoa em casca, saíram 607 toneladas, no valor de 5.607 contos. De grão de alfarroba, exportaram-se 1.966 tone-

ladas, no valor de 5.185 contos.

A pesca em Setúbal Nos últimos meses do ano, o importante centro conserveiro sadino refre-se dos males que de há muito sofre, em consequência da falta de pesca. Esta recuperação deu em resultado a sua lota registar, no ano findo, a importante verba de 34.687.041\$00, mais 11.929.469\$00 do que no ano de 1953.

E' caso para dar parabéns à indústria e à pesca de Setúbal.

Produtos hortícolas

Eis o preço por que regularam, o mês passado, nos mercados abastecedores de Lisboa alguns produtos hortícolas: abóboras, 1\$20-1\$50; alhos, 10\$00-12\$00; batata doce, 1\$00-1\$40; ervilhas, 4\$00-7\$00; favas, 3\$00-5\$00; feijão verde, 4\$50-9\$00; feijão verde da Ilha, 5\$00-10\$00; tomates da Ilha, 4\$00-6\$00, o quilo; alfalfa, 6\$00-9\$00; pimentos, 5\$00-9\$00, a dúzia; couve flor, 40\$00-90\$00; couve lombarda, 27\$50-60\$00, o saco de 30 kg.; couve murciana, 50\$00, o saco de 40 kg.; nabos, 3\$00-4\$00, e rabanetes, 1\$20-2\$00, o molho. — J. B.

Moedas de 10 escudos

Foi publicado um Decreto-Lei permitindo ao Banco de Portugal, suas filiais e agências, Tesouraria da Fazenda Pública e Casa da Moeda, a troca, até 28 de Fevereiro próximo, das moedas de 10 escudos com era anterior a 1954, excepto a moeda comemorativa da Batalha de Ourique (1928).

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

de 22 a 28 de Janeiro:

Entrados:

COSTEIRO, de 629 ton., e ZÉ MANEL, de 926 ton., ambos Portugueses, de Lisboa, vazios.

BRIGITTE SKOU, Dinamarques, de 1828 ton., de Setúbal, com carga em trânsito.

MERKLAND, Inglês, de 1375 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

LATONA, Alemão, de 1126 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

Saídos:

COSTEIRO, Português, com enxofre, para Lisboa.

ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.

BRIGITTE SKOU, Dinamarques, com alfarroba, para Avonwood.

MERKLAND, Inglês, com alfarroba e amêndoa, para Londres.

LATONA, Alemão, com alfarroba, grão de alfarroba, cortiça, amêndoa e conservas, para Antuérpia, Bremen e Roterdão.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 29 de Janeiro a 4 de Fevereiro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marques de Pombal - Telefone 49.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

PANORAMA DO MUNDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

seus primores linguísticos eram demasiados «vivos» e impróprios para serem escutados por menores de 18 anos.

Parece que procuram agora o professor da ave, para receber a «laureada»...

PORTUGAL, O MUNDO E A LARANJA

AINDA a propósito de linguas do estrangeiro, ocorre-nos um tema do âmbito botânico, mas que não deixa de ser interessante, visto à luz da filologia comparada. Trata-se do famoso «pomo de ouro» (o malum aureum, de Virgílio, e chrysomelon, de Anacreonte), também chamado pelos helenos «nerántia», donde nos teria vindo a forma lusa actual de «laranja».

Além das excelências nutritivas, sápidas, vitamínicas, terapêuticas e outras, já reconhecidas no saboroso pomo, desde os celestiais filhos de Ham e Aristóteles até aos modernos dietistas, é para nós, portugueses, sumamente lisonjeiro sabermos que vários povos da Europa e do próximo Oriente têm ligado o nome do fruto delicioso das citrinas ao do nosso país. Assim, na moderna Grécia, a laranja tem o nome de to portokáli; em albanês, é portogali; em turco, portakal; no árabe, el-portukân; em búlgaro, portukal-út; e em romeno, portocala.

Certamente, teriam sido os portugueses quem nestes países introduziu o consumo da laranja, ou seria dos nossos pomares do Guadiana e do Sado que eles as recebiam, juntamente com o nome — tal como as nossas sardinhas e ostras, em França — tanto mais que a reputação das magníficas qualidades das nossas laranjas já eram celebradas pelos Romanos, que elogiavam as laranjas da Ibéria, salientando, na Turdetânia, a região hoje abrangida pelos concelhos de Castro Marim e Vila Real de Santo António.

Ainda hoje, são justamente famosas as laranjas do «Quartor», na Junqueira, e as das Cevadeiras (Cacela), dignas do Jardim das Hespérides.

F. Morais



Confecções Viresa, L. da

FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CINZAS DE UM FOGO MORTO
A ACÇÃO BRILHANTE
do Lusitano na 1.ª Divisão

PROPOSITO de Faustino, antigo jogador do Lusitano, prenentemente envergando a camisola do Coruchense, o «Mundo Desportivo» inseriu um artigo, do qual extraimos os seguintes períodos, que arquivamos, com muito prazer, nas nossas colunas:

«Recorda-nos bem da revelação de Faustino como jogador de futebol. Ele é ainda um dos «sobreviventes» da bela equipa do Lusitano de Vila Real de Santo António, daquela equipa que aliava à habilidade um espirito de luta como ainda não vimos em grupos portugueses. Podiam perder o jogo, mas os rapazes que envergavam a camisola encarnada do Lusitano já mais esmoreciam o seu apego à luta, já mais abandonavam o rectangulo sem dar tudo por tudo, num esforço que chegava a impressionar a assistência e a merecer desta a expressão: «basta! Bra assim, realmente, o grupo de Vila Real de Santo António que ascendeu à 1.ª Divisão, onde se conservou algumas épocas, apesar de ser quase inteiramente amador. A vontade indômita, o desejo inquebrantável de vencer, operavam por vezes verdadeiros prodígios — êxitos que os desportistas vilarealenses ainda hoje evocam, mergulhados na saudade daquela magnífica equipa.»

Jogava o Faustino a médio direito, ao lado de Madeira. Faustino, mais lutador, mais impulsivo, mais enérgico e dinâmico; Madeira, óptimo executante e jogador inteligente, era por assim dizer o cérebro da equipa. A frente, o Pedroto, em pleno desabrochar das faculdades que o impuseram e o levaram ao F. C. do Porto, e Almeida, o Germano, o Calvino, e Macedo...

Hoje, nesta vila, às 15,30 horas, no Campo «Campo Francisco G. Socorro»
Misto BARREIRENSE-LUSITANO

FUTEBOL NAS RUAS

PEDEM-NOS alguns leitores, de diversos locais da vila, que chamemos mais uma vez a atenção das autoridades para os animados desafios de bola, que diariamente se disputam pelas nossas ruas, ainda desprovidas de condições para estádios.

Não é só o risco para as vidraças, mas também a integridade física dos transeuntes e o sossego dos moradores, que estão em causa, além doutros inconvenientes fáceis de calcular. Ainda há poucos dias, na Rua de Teófilo Braga, uma pobre velhinha foi atingida pelo «estérreo» numa vista, resultando seriamente lesionada.

Já várias vezes este jornal recomendou o assunto à P. S. P. local, mas os resultados foram nulos, porque os resultados continuaram, sem que divisássemos o propósito de cobri-los. E bastava um simples passeio de 2 ou 3 guardas, nas horas e ruas mais críticas, para que a simples presença do uniforme terminasse com tão indesejáveis campeonatos. O desporto é muito útil, mas requer lugares próprios.

VINHOS
Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprar, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e comércio
TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL
Depositária nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
Telefone 12



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Distrital da I Divisão

LUSITANO, 2 — SILVES, 2

Campo «Francisco G. Socorro». Árbitro: Armando de Sousa.

Lusitano: Balbino; Daniel, Lopes e Gomes; Fernando e Agostinho; Modesto, Travasso, Antunes, Estêvão e Parra.

Silves: Tito; Armindo, Vicente e Pargana; J. Maria e Fernando; Lourenço, Mira, Rui, J. Domingues e Girão.

Primeiro tempo: 2-1.

Marcadores: Antunes e Pargana (na própria baliza), pelo Lusitano; Rui e Fernando (na própria baliza), pelo Silves.

O encontro entre os dois primeiros classificados do distrital algarvio nada teve digno de recomendação.

As duas equipas, principalmente a local, exibiram-se de forma tão decepcionante, que chegámos a lamentar que não fosse possível atribuir um zero na pontuação de ambas.

Efectivamente, qualquer das duas urmas merecia sair do terreno na posição de derrotada.

A do Lusitano, tem como atenuante de vulto, a falta dos titulares Almeida, Sanina, Pescada e Natércio, sempre difícil de suprir, tanto pelo seu valor individual como pela influência que se faz sentir no conjunto da equipa.

Ao Silves, desconta-se o facto de «cuar em terreno alheio e de ser «equipa menos experiente. Porém, reunindo todas as atenuantes apresentadas, ainda nos fica algo para exigir.

É de toda a justiça realçar que os visitantes ainda apresentaram uma regular organização defensiva, embora quebrassem na transposição dos lances da defesa para o ataque, o que originou a sua ineficácia atacante.

Acrescente-se, também, que coube aos visitantes o papel de menos má equipa sobre o terreno, e que o resultado em nada lhes foi lisonjeiro, antes foi o Lusitano feliz, porquanto, o mesmo lhe conferiu o primeiro lugar da classificação geral.

Em oportunidades perdidas, nem o Lusitano tem que se queixar, porque as poucas de que disfrutaram os seus dianteiros não foram consequência de lances bem urdidos, e sim de repêlbes e jogadas ao acaso.

Dos quatro tentos, apenas nos ficou agradável impressão do primeiro, alcançado pelos visitantes, na sequência de pontapé de canto, muito bem aproveitado pelo centro-dianeiro. Mesmo este golo, só foi possível mercê da pouca consistência defensiva dos locais, que deixaram o marcador em completa liberdade, a três metros das redes.

Segundo golo do Silves resultou duma jogada infeliz do médio-direito encarnado que, ao pretender interceptar um centro da esquerda, de frente para a sua baliza, fê-lo com tanta precipitação que anichou a bola nas malhas, sem possibilidades de recuperação para Balbino. Teria sido um bonito golo, se fô se marcado por um silvense.

Este tento, que fixou o resultado, veio terminar com todas as possibilidades de reacção por parte dos encarnados, que se entregaram ao desenrolar dos acontecimentos.

Depois, numa jogada de perigo para os visitantes, o extremo esquerdo do Lusitano, ao tentar marcar, em luta com o guardião contrário, caiu, agravando anterior lesão, pelo que teve de abandonar o terreno, deixando a sua equipa inferiorizada numericamente.

Daí até final, as duas turmas entregaram-se a tentativas esporádicas, a dar-nos a ideia de que estavam satisfeitas com o desfecho da pugna.

O resultado do encontro não serve de base para a nossa opinião, no que respeita ao valor actual da turma do Lusitano, pois, tanto o empate registado, como a derrota de qualquer dos contendores, não era de surpreender, dada a forma como eles actuaram, de improvisos, aos balões, e sem a menor noção do que é o futebol como jogo de equipa.

Jogando assim, qualquer resultado seria de admitir.

Nem o resultado nem a exibição da equipa, neste jogo em que actuou desfalcada de quase todos os seus elementos mais representativos.

Contudo, pelo conjunto de exhibições durante o torneio que agora ficou, temos que afirmar! Não tenhamos ilusões! Não é com esta equipa que o Lusitano consegue elevar-se ao plano mais adequado com a sua projecção como clube.

Impõe-se a imediata revisão dos processos de selecção adoptados, desde que a equipa baixou à segunda divisão, e daí tem continuado a

oscilar ao ponto de ser nma decepção na divisão inferior do País.

Pior do que a terceira divisão, só a promoção, e por esta ordem decrescente em que vive a equipa, não sabemos se a tal chegaremos.

Portanto, se pior não lhe pode acontecer de que um modesto lugar na divisão menor, porque não revolucionar o meio, lançando uma equipa totalmente rejuvenescida, onde ainda seja tempo de remediar defeitos?

Tal como se tem apresentado, a equipa faz-nos lembrar um prédio em ruínas, cujo proprietário pretende aguentá-lo com remendos, para evitar maiores despesas, o que não obsta a que o mesmo ceda à mais pequena borrasca.

É de pedir à reduzida massa associativa do Clube, que se sacrifique assistindo às derrotas da sua equipa, por alguns tempos, para poder colher os louros do seu trabalho em profundidade, quando chegar a sua altura.

Não foi com remendos que o Lusitano alcançou a primeira divisão e todos estamos lembrados de que só à força de muito entusiasmo, de muito conjunto e de muita juventude é que a equipa conseguiu um dos maiores feitos da história do futebol nacional.

Actualmente, a preocupação dominante de não perder faculdades para o Domingo que se aproxima, obriga à utilização de elementos eivados de defeitos de toda a espécie, irremediáveis, porque a sua idade já não permite a perda de tempo. Em suma... quando adquirirmos alguns conhecimentos técnicos já estão preparando as suas festas de despedida.

Depois, problemas, como dificuldades na utilização de pés, excesso de peso em gorduras, lesões anteriores com possibilidades de agravamento, dificuldades no jogo alto e deficiências de colocação, são descuidados com a maior naturalidade, para dar lugar à fama do jogador, ou pelo que ele fez em tal e tal jogo, sem dúvida em melhores condições, ou ainda pelo seu poder de obstrução ao jogo do antagonista, já que se trata de um lutador incansável, mesmo quando a bola ronda longe.

Sobre colocação no terreno, mantemos ainda na retina a imagem que nos ficou do jogo de Domingo, e pensamos quantos golos teria sofrido Balbino, se no lado contrário estivesse um extremo-direito mais feliz e com maior poder físico para poder sofrer as cargas sem se importunar.

E, já agora, não queremos deixar de pôr em dúvida que tivesse sido por instruções dos responsáveis que aquele defeso-esquerdo andasse todo o jogo à procura do extremo-direito, mesmo no seu meio campo, mesmo na sua zona de neutralização, onde o mesmo era completamente ineficaz, originando deficiente organização defensiva, pois tinha forçosamente que faltar no centro do terreno, quando lhe pertencia dobrar o defesa central visto não poder acompanhar os avanços contrários pela esquerda, deixando ainda uma zona de terreno livre, para onde se desmarcava um atacante para receber a bola.

Pomos em dúvida, ainda, qual a decisão que aquele defeso tomaria se, por qualquer motivo, o extremo visitante tivesse que abandonar o jogo, tal se teria arreigado, no espirito daquele, aquela frase conhecida de muitos técnicos! Agarrate a ele como puderes, e não o deixes pôr pé em ramo verde; que passe a bola, mas não passe o homem. Como se assim se fizessem bons jogadores!

E mais teríamos que apontar, se o espaço abundasse. Repetiremos somente! Assim, não tenhamos ilusões!

Resultado dos outros jogos: Louletano-C. F. Esperança . 2-1 Boa Esperança-S. L. e Faro . 2-1

CLASSIFICAÇÃO
J V E D B P
LUSITANO. 10 7 8 — 40-14 17
Silves. . . 10 6 8 1 27-10 16
S. L. e Faro. 10 8 8 4 11-12 9
Louletano . 10 8 2 5 15-28 8
Esp. Lagos . 10 1 4 5 12-24 6
B. Esperança 10 1 8 6 18-29 5

«CARA ALEGRE»
Revista de BOM HUMOR
PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS
Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

CAMPEONATO NACIONAL
da II Divisão (Zona Sul)

FARENSE, 3 - CORUCHENSE, 2
O resultado justifica-se, mas a equipa visitante demonstrou excelente classe

Jogo no Estado de São Luis, em Faro. Árbitro: Francisco Guiomar, de Beja.

Farense: Ventura I; Reina, Ventura II e Celestino; Lanzinha e José Maria; Alfredo, Balela, Vinuêza, Rendeiro e Queimado.

Coruchense: Rato; Belião, Prates e Mateus; Veríssimo e Faustino; Narciso, Manuel Jorge, Julinho, Orlando e Panoias.

O 1.º tempo terminou com o empate de 2-2. Aos 8 minutos por Vinuêza; aos 15 minutos por Narciso, aos 24 minutos por Manuel Jorge, e aos 28 minutos por Lanzinha.

No 2.º tempo, Rendeiro, aos 6 minutos, marcou o golo que havia de ser o da vitória.

O encontro de futebol realizado no domingo passado na velha e histórica cidade de Faro, entre farense e coruchense, teve como resultado final 3-2, favoráveis aos locais. Na verdade este «jogo», considerado o encontro da jornada, atraíu ao Estádio de São Luis numeroso público que, diga-se desde já, em abono da verdade, correspondeu inteiramente ao que dele se esperava.

Desde o primeiro até ao último minuto, as duas falanges de apoio não se cansaram de gritar e incitar as suas turmas favoritas. Realmente, todos os jogadores não regatearam esforços. Sob esse aspecto, o encontro foi, incontestavelmente, formidável e até surpreendente. Foi, na aceção do termo, um verdadeiro jogo de campeonato, daqueles que é preciso ganhar de qualquer forma, porquanto qualquer das equipas está em condições de passar à fase final.

A equipa da «casa» jogou quase todo o primeiro tempo dentro da área defendida pelos visitantes e não fez, durante este período de tempo, um resultado volumoso, devido à excelente colocação e atenção dos defensores e guardião visitantes. Viu-se, não há dúvidas, mais rapidez, mais imaginação, da parte da equipa de Vinuêza. No entanto, a equipa de Coruche foi, no segundo tempo, mais regular na defesa e no ataque, não querendo com isto dizermos que o Farense já não tivesse energias, mas sim porque o Coruchense jogou admiravelmente neste período.

Foi, na verdade, um desafio que todos certamente gostaram de presenciar e em que ganharam os melhores.

Ao soar o apito do árbitro, sr. Francisco Guiomar, dando por findo o encontro, todos os jogadores algarvios correram para o seu balneário, levando em ombros o seu guardião.

Francisco Guiomar disse-nos:

Findo o encontro, falámos com Francisco Guiomar, que dirigiu o encontro, e que a nósso ver esteve impecável, especialmente nos foras de jogo. A nossa pergunta, disse-nos!

— Mais uma vez, fiquei bem impressionado com esta boa gente algarvia. São todos, jogadores e público, excelentes cavalheiros. Tão bons como os alentejanos.

Qualquer das equipas produziu bom futebol, vencendo a que mais tempo esteve ao ataque.

Heroumano Valente

SECCÃO DE CINEMA
Orientação de VITORIANO ROSA
«Queremos um cinema que na sala escura ilumine o que há de mais puro e nobre na condição humana, para que nos ensine a ser melhores.»
Pablo Neruda

A VAMP NO CINEMA

III — O «star-system»

Sabemos hoje a importância das «vedetas», nos filmes europeus e americanos. Em especial, em Hollywood, os argumentos da grande maioria dos filmes são escritos tendo em conta os atractivos e os recursos desta ou daquela vedeta. Para a indústria de Hollywood tem mais importância o lançamento de uma nova vedeta «tipo Marilyn Monroe», do que a utilização do cinemascópio...

Antes da criação do «star-system» (sistema da vedeta), os artistas eram anónimos. Quando Griffith contratou Mary Pickford para a Biograph, apresentou-a anonimamente em «The Warrens of Virginia». Nas salas escuras, «os grandes lances de paixão, violenta e arrebatada, as cenas cheias de lascívia», começaram a criar legiões de apaixonados e admiradores, que baptisaram as suas estrelas preferidas com os adjectivos mais curiosos. Mary Pickford seria alucinada por «Pomba» ou «Pombinha» no Brasil. A Charles Chaplin deram os brasileiros o nome de «Carlitos», os portugueses «Charlotte» e os franceses «Charlot». Clara Bow seria a «Clarinha». Buster Keaton «o Pamplinas». Stan Laurel e Olivier Hardy «o Bucha e Estica»...

O «star-system» tomara o seu grande incremento na época de 1914/17, precisamente a época que iria decidir o futuro de Hollywood como capital do cinema, mercê da guerra que se desencadeava na Europa. Se em 1919, exibiram-se nas duas Américas apenas filmes americanos e 90% da exhibição europeia seriam preenchidos também com filmes da mesma origem, já em 1918 a produção em Hollywood elevava-se a 841 filmes!

— Estava decidido o destino da chamada capital do cinema! Mas, enquanto na América o «star-system» era «uma novidade industrial», na aceção que lhe deu Lo Duca, na Europa o fenómeno

manifestara-se quase espontaneamente «com a vaga insensata da Francesca Bertini». (Pina Menichelli, Lidia Borelli, Maria Carmi) A dinamarquesa Alta Nielsen seria chamada a «Deusa do Cinema» e a seu respeito pode ler-se em «A maravilhosa arte das imagens»: «foi ela, sem dúvida, nesta época, quem reinou em todas as telas do mundo». A «vamp» pode considerar-se uma invenção europeia, que os americanos exploraram comercialmente e sem sinceridade. Fizeram funcionar a máquina gigantesca da publicidade, obrigando os jornais a repetir os seus «slogans»; Mary Pickford «a noiva do mundo»; Clara Bow «o it americano»; Thea Bara «a nova cleópatra». Os cheques começaram a marcar a era das vedetas: 1.000 por semana, 100.000 (cem mil) dólares por ano!

«Entretanto — diz Lo Duca — na América a hipocrisia tinha ganho terreno». As ligas puritanas afirmaram a equivalência: Cinema = Diabo. «Em mais de um convento — escreve Cesar Arconada na sua biografia de Greta Garbo — as freiras recomendaram às educandas: — «Meninas, nunca vão ao cinema: é um espectáculo onde aparece o demónio para tentar as almas!»

A publicidade enche as revistas de «poses» em «maillots», em todas as posições, em todas as cores. As vedetas mais audaciosas posam para os fotógrafos, nos seus quartos de banho, cobrindo-se ligeiramente com uma simples toalha ou um quente casaco de peles... Para excitar a imaginação do pobre cinéfilo, criam-se lendas românticas à volta das estrelas. Os estúdios expedem já para todo o mundo fotografias autografadas das suas vedetas. O «star-system» dali em diante permanecerá ao leme do cinema americano.

SINDICATO NACIONAL dos MOTORISTAS MARÍTIMOS

CONFORME anunciamos anteriormente, já se encontra ins-tituído oficialmente o Sindicato Nacional dos Motoristas Marítimos e Fluviais do Distrito de Faro, com sede em Olhão, cujos estatutos foram aprovados pelo Governo, e que neste conselho conta cerca de 90 associados.

No dia 24 do corrente, deslocou-se à capital do Distrito a Comissão Organizadora, da qual faziam parte os srs. João Samúdio e Máximo Inácio Pires, respectivamente, como delegados desta vila e de Tavira, a fim de tratarem da elaboração de um contrato colectivo de trabalho entre o referido sindicato e as entidades patronais.

Pela pronta efectivação de tal acordo de trabalho, muito se têm interessado os organizadores, visto tratar-se duma instante necessidade colectiva, para salvaguarda dos interesses daquela classe.

A comissão foi recebida pelo delegado do I. N. T. P. em Faro, sr. dr. António Teixeira Marques, a quem foi agradecido o bom acolhimento dispensado às delegações trabalhadoras, bem como a boa-vontade com que sempre têm sido encarados e estudados os assuntos respeitantes a este novo organismo corporativo.

Seguidamente, foram ventilados diversos assuntos de interesse para a classe, tendo a Comissão retirado satisfação pelos resultados da conferência, e confiante nos seus efeitos futuros.

Quem avisa...

Termina amanhã o prazo para a aquisição de Licença de Trânsito.

Igualmente termina, no mesmo dia, o prazo para a colocação de cata-focos, em todos os veículos.

Carnaval de 1955

Serpentinas, confetis, máscaras, brinquedos, surpresas, artigos próprios para bailes, e fogos de artifício, próprios para Carnaval.

Aos melhores preços. Catálogo grátis com preços especiais para revendedores.

Dirijam-se ao armazém especializado nestes artigos, de António Torrão — Covilhã — Telefone 304.

TRANSPORTE DE MERCADORIAS
De LISBOA para o ALGARVE
Preços especiais para cargas completas de 5 1/2 - 6 - 7 1/2 - 8 1/2 e 11 toneladas.
No seu interesse, consulte a
CAMIONAGEM CONTINENTAL, L. DA
Av. 24 de Julho, 92-B Rua 18 de Julho, 232
Telef. 662832 e 665962 Telef. 281 e 327
LISBOA OLHAO
PRECISA-SE DE AGENTE EM VILA REAL DE SANTO ANTONIO

RELÓGIOS - RELÓGIOS
Hoje, amanhã e sempre
BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL
SÓ NA ANTIGA CASA
RAMOS & MATEUS
R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

var encerrou a sua vida pública, por intermédio da sua digna esposa, com a doação do seu palácio ao Estado, para fins de instrução e de beneficência.

Foram as suas directrizes respeitadas?

Foi a sua benemerente vontade acatada com o respeito que se lhe devia? Os factos estão à vista, e cada habitante criterioso desta cidade que lhes faça os comentários que a sua consciência entender.

O almirante Pedro de Azevedo Coutinho, um distinto ornamento da Armada Portuguesa, vendeu há anos, já em República, o solar da nobre família Sárrea Garfias.

Como representante dessa respeitável prole, transigiu em vender esse palacete, por ser destinado aos Paços do Concelho de Portimão.

Com esta declaração prévia, fechou a venda e outorgou na escritura, como presidente da edilidade dessa época, o sr. Francisco José Guerreiro.

Todos os presidentes, que passaram por este município, respeitaram a cláusula verbal do pundonoroso almirante Azevedo Coutinho.

Só o último é que não; só o último é que passou por cima dessa convenção fidalgamente apresentada pelo representante da briosa família Sárrea.

O anacronismo exaltou-lhe a fé antiga com os nomes das ruas; o modernismo exacerbou-lhe a vontade de certas mudanças desnecessárias e de obras demoradas e caras, mesmo com as finanças municipais totalmente embaraçadas...

Para remate deste breve artigo, dou-me ao trabalho de copiar um officio da Câmara de Portimão, n.º 52, e com a data de 6 de Janeiro de 1955:

«Dirijo-me a V. Ex.ª na qualidade de 1.º signatário do abaixo assinado apresentado a esta Câmara, com data de 11 de Dezembro findo, sobre a conservação do mercado mensal de quinilhariarias e barateiros no Largo em frente do cinema, para lhe comunicar que a Câmara Municipal, em sua reunião de 23 do corrente mês, deliberou, por unanimidade, manter a sua anterior resolução mudando o referido mercado para junto da Estação do Caminho de Ferro, e isto por razões de ordem estética e, principalmente, por motivos de trânsito na baixa da cidade.

Mais me cumpre comunicar a V. Ex.ª que esta Câmara, ao tomar a referida deliberação, não visou ferir ou beneficiar os interesses de quem quer que fosse, mas, unicamente, agir de harmonia com a obrigação que lhe incumbem de defender o bem-estar e a segurança do público.

A bem da Nação»

Seguem-se os nomes dos Paços do Concelho e do presidente da Câmara.

Guiado por um espírito pacifista, extraído dos Evangelhos, que li em criança, vou apreciar, resumidamente, a forma e a essência desse officio.

A forma é correcta, gramatical e burocrática. A essência não é. Contém omissões, que devem ser esclarecidas.

O mercado, no Largo do Dique, não era apenas constituído por vendedores de quinilhariarias e barateiros.

Quem estas linhas escreve habita em Portimão, há sessenta anos, e sempre conheceu o mercado e a feira com gado de diversas raças, tendeiros, barracas de louças e vidros, paneiros, vendedores de cereais, legumes, frutas e bolos, calçado, artigos de palma, etc.

Há anos, a pedido de comerciantes da parte alta da cidade, a Câmara proibiu a passagem pela rua das lojas modernas, chiques, onde as montras vistosas atraíam a clientela rica; depois, caladamente, foi a corredoura mudada lá para o extremo da cidade; com o afastamento do gado, o volume das transacções fraquejou — para a baixa e para a alta.

Como remediar o inconveniente? Fazer uma sessão e deliberar que o resto do mercado fosse para o pé da Estação do Caminho de Ferro.

Mas tudo isto é ressaltado, no presente officio, com estes dizeres: «isto por razões de ordem estética e, principalmente, por motivos de trânsito na baixa da cidade.»

O trânsito, na baixa da cidade, era assustador; mas ao pé da Estação do Caminho de Ferro, não.

As empresas de viação, imensamente prejudicadas, clamam contra tal medida; mas a C. P., com as suas automotoras em contínuo val-vem, dá graças a Deus e à sábia Câmara, que a protegeu...

A cobrir estas anomalias camarárias, temos esta passagem do citado officio: «a referida deliberação não visou ferir ou beneficiar os interesses de quem quer que fosse, mas, unicamente, agir

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

UM PROJECTO DE SUGESTÃO SOBRE A INDÚSTRIA DE CONSERVAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

mento de tal industria, seguindo-se as daqueles industriais que são mais simbólicos que efectivos, mas dando-se ao mesmo tempo margem de expansão aos industriais activos, que mais não produzem por momentaneamente não disporem de instalações mais vastas.

Resta ainda o aspecto do pagamento do peixe aos pescadores. A pesca é uma actividade importante, que emprega milhares de braços e que tem de ser defendida. Que preço tencionia a industria pagar? E será este preço igual para todos os centros? Ou será ajustado em Peniche a 1\$69, o quiló e em Vila Real de Santo António a 4\$08? Sendo assim, obterão lucros muito superiores os industriais de Peniche, em detrimento dos outros centros. Além disso, se no decorrer da temporada se der uma valorização das conservas, quem indemniza os pescadores do lucro legítimo que lhes caberia e que deixariam de receber, em consequência do acordo estabelecido?

O problema é muito complexo e melindroso, e tudo aconselha a que as partes interessadas o estudem, com calma e desejo de entendimento, isto para que depois não tenhamos que lamentar desgastados entre gregos e troianos. Agora está-se a tempo (isto admitindo que a sugestão será considerada) de se corrigirem deficiências e colmatar brechas, que poderão afectar gravemente actividades tão respeitáveis e tão dignas de apreço como são as da pesca e conservas. — J. B.

Eis o projecto de sugestão da autoria do sr. José António Ferreira Barbosa:

«Artigo 1.º — O aprovisionamento de sardinha pela industria de conservas de peixe passa a ser assegurado por força e mediante a observação das cláusulas constantes dos acordos colectivos que vierem a ser concluídos entre os grémios dos industriais de conservas de peixe e o Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha.

§ 1.º — Estes acordos terão vigência anual e serão concluídos em relação a cada centro produtor de pesca e conservas.

§ 2.º — Ficarão sujeitos à aprovação dos Ministros da Marinha e da Economia, a quem serão apresentados acompanhados obrigatoriamente dos pareceres da delegação do Governo junto dos grémios dos armadores da pesca e do Instituto Português de Conservas de Peixe.

§ 3.º — Esses acordos procurarão conciliar a observância dos usos e costumes locais com o respeito por um mínimo de determinações de carácter genérico tendentes a assegurar, dentro do possível, o estabelecimento de condições de fornecimento e de preço estáveis e sensivelmente idênticas em todos os centros, com os objectivos de melhor harmonização das condições gerais de trabalho na industria conserveira e de obtenção duma mais justa e equitativa remuneração do trabalho da pesca.

Art. 2.º — Quando se verifique de harmonia com a obrigação que lhe incumbem de defender o bem-estar e a segurança do público.

O bem-estar e a segurança do público podiam ter sido logo acatados; não era preciso esfacelar o mercado aos poucos. Assim, em pequenas doses, foi mais suave e ninguém percebeu...

Ainda bem que neste grupo de beneficiados não entrou o comprador torneiro do Marquês de Pombal!

A Câmara, dum ponto central da cidade, foi transferida para uma extremidade.

O Tribunal, do edificio onde funcionou longos anos, também foi mudado, para o bem-estar e a segurança do público.

Aqui, a estética teria igualmente colaborado para os presos perigosos irem algemados por ruas concorridas, oferecendo um espectáculo indecoroso?...

A estética é uma ciência altamente educativa para quem, como os algarvios, se preocupam de preferência com a pesca da sardinha e a pesca desportiva...

Voltarei ao assunto, para saber se Picasso é, como alguns críticos suspeitam, um génio extraordinário ou um imbecil chapado!

Marcos Algarve

a impossibilidade da conclusão desses acordos, por divergência insanável entre os interessados, o caso será levado à consideração dos Ministros da Marinha e da Economia, nas condições determinadas pelo § 2.º do artigo anterior, que determinarão, por despacho conjunto, as condições a que ficará sujeito nesse ano, e para os centros em que os acordos se tenham verificado impossíveis, o fornecimento da sardinha à industria conserveira.

Art. 5.º — No exercício das funções que lhe são conferidas pelos artigos 25.º e 26.º do Decreto-Lei n.º 26.775, a assembleia plenária dos grémios dos industriais e exportadores de conservas de peixe fixará anualmente, e em relação a cada época, o contingente global da exportação das conservas de peixe em molhos considerado como normal, e em função do qual se procederá ao rateio pelos industriais das suas respectivas «quotas de produção exportável».

§ único — Quando se reconhecer a conveniência ou oportunidade, a assembleia plenária dos grémios poderá determinar o estabelecimento de contingentes de exportação suplementares, quer gerais, quer só relativos às sardinhas ou às outras espécies.

Art. 4.º — De futuro a exportação de conservas de peixe só será permitida aos industriais e exportadores inscritos nos respectivos grémios, que mantenham de conta própria um stock mínimo, em quantidade a determinar, e somente em relação a mercadorias que caibam dentro da quota de produção exportável atribuída ao seu produtor ou de quotas que o mesmo tenha adquirido.

Art. 5.º — Para efeitos de coordenação e disciplina comercial na exportação das conservas de sardinha em molhos, na defesa dos interesses da economia nacional e das actividades a ela respeitantes, a organização corporativa conserveira em vigor e criada pelos Decretos-Leis n.ºs 26.775, 26.776 e 26.777, de 10 de Julho de 1956, poderá, agindo sem visar à obtenção de lucros próprios, efectuar operações comerciais e contrair obrigações, pelas quais responderão os elementos financeiros postos à sua disposição, nomeadamente os fundos corporativos dos grémios dos industriais de conservas de peixe e as disponibilidades de quaisquer outros fundos do Instituto Português de Conservas de Peixe ou dos grémios.

Art. 6.º — A organização, por intermédio dos grémios dos industriais de conservas de peixe, no quadro do que está estabelecido pelo artigo 46.º e seu § 1.º do Decreto-Lei n.º 26.775, e de harmonia com o artigo anterior, criará os serviços do Entrepósito das Conservas de Peixe, que tomará aos produtores respectivos as conservas de sardinha que lhe sejam oferecidas, caibam dentro das quotas de produção exportável que aos mesmos tenham sido atribuídas ou eles tenham adquirido e não façam parte dos stocks obrigatórios, criados de harmonia com o artigo 4.º deste diploma.

Subsecretário da Educação

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

da Campanha Nacional de Educação de Adultos.

As 14,30 horas — Reunião com os Presidentes das Câmaras Municipais, Director do Distrito Escolar de Faro e Delegados Escolares dos concelhos de Alcoutim, Aljezur, Alportel, Castro Marim, Faro, Lagos, Loulé, Monchique, Olhão e Vila Real de Santo António.

As 17 horas — Recepção aos Agentes do Ensino Primário do Distrito de Faro.

As 17,30 horas — Continuação dos trabalhos iniciados às 14,30 horas.

DIA 3

As 10 horas — Reunião com os Presidentes das Câmaras Municipais, Director Escolar e Delegados Escolares de Albufeira, Lagoa, Portimão, Tavira e Silves.

As 15 horas — Visita à Direcção do Distrito Escolar de Faro.

As 15,30 horas — Visita à Escola do Magistério Primário de Faro.

As 17 horas — Reunião com os Reitores dos Liceus e Directores da Escola do Magistério Primário de Faro, das Escolas Industriais e Comerciais e dos Estabelecimentos de Ensino Secundário Particular do Distrito, acompanhados dos seus corpos docentes, com vistas a uma maior colaboração de todos os graus de ensino na Obra do Plano da Educação Popular.

buídas ou eles tenham adquirido e não façam parte dos stocks obrigatórios, criados de harmonia com o artigo 4.º deste diploma.

Art. 7.º — O valor pelo qual o Entrepósito tomará as conservas, como referido no artigo anterior, será fixado pelo conselho geral do Instituto Português de Conservas de Peixe para as diferentes classes e tipos, de forma a cobrir o custo de produção com um lucro industrial, calculado sobre esse custo e tendo em atenção a situação dos mercados compradores.

Art. 8.º — O Entrepósito cederá normalmente os produtos tomados aos industriais e exportadores-comerciantes que os queiram adquirir para exportação pelo valor referido no artigo anterior.

§ 1.º — O Entrepósito poderá concluir com industriais ou exportadores-comerciantes contratos de venda admitindo entregas escalonadas e referindo-se a mercadorias já em seu poder ou a fabricar.

§ 2.º — Quando nisso se reconhecer a conveniência e para tal seja devidamente autorizado pelo Ministro da Economia, o Entrepósito poderá também efectuar vendas directas para o estrangeiro, nomeadamente quando se trate da execução de contratos com organismos colectivos ou oficiais dos países de destino.

Art. 9.º — O Instituto Português de Conservas de Peixe poderá criar marcas nacionais ou regionais, cuja produção se pode tornar obrigatória por decisão da sua direcção, aprovada em conselho geral, dentro dos limites e nas condições que vierem igualmente a ser estabelecidas.

Art. 10.º — Será considerado limite mínimo legal de preço F. O. B. para exportação de sardinhas em molhos o que resultar da soma do preço de aquisição pelo Entrepósito estabelecido no artigo 7.º deste diploma e da percentagem de 20 por cento sobre esse mesmo preço.

§ único — Com a percentagem indicada no corpo deste artigo, o exportador poderá fazer face aos encargos directos da venda e às despesas de colocação da mercadoria a bordo, incluindo nestas as taxas de exportação, estabelecidas pelo artigo 56.º do Decreto-Lei n.º 26.777, e modificadas pela Portaria n.º 9941, de 28 de Novembro de 1941, e a de compensação de preços, estabelecida pelo artigo 12.º deste decreto-lei.

Art. 11.º — As exportações efectuadas a preços inferiores serão consideradas delitos antieconomicos e importarão para os seus autores, além das penalidades a que por lei estejam sujeitos, a suspensão dos direitos de exportar por prazo nunca inferior a um ano.

Art. 12.º — No momento da exportação, e além da taxa de exportação criada pelo Decreto-Lei n.º 26.777, será cobrada pelas alfândegas, constituindo receita do Entrepósito, uma taxa, chamada de compensação de preços, de 5 por cento sobre o valor das conservas, estabelecido de acordo com o artigo 7.º deste diploma.

Art. 13.º — A direcção do Instituto Português de Conservas de Peixe, assistida de dois delegados da assembleia plenária dos grémios — um industrial e um comerciante-exportador —, orientará superiormente os serviços do Entrepósito, ajuizando da conveniência de submeter as decisões necessárias à referida assembleia.

§ único — Os serviços centrais do Entrepósito ficarão adstritos ao Instituto Português de Conservas de Peixe.

Art. 14.º — As operações realizadas pelo Entrepósito não serão passíveis de pagamento de qualquer contribuição ou imposto, salvo quando, tratando-se de vendas para o exterior, delas resultem quaisquer lucros.

Art. 15.º — De harmonia com o disposto na Lei n.º 2005, o Ministro da Economia procederá imediatamente à nomeação de uma comissão para estudar as bases da reorganização da industria das conservas de peixe, nas quais se incluirá obrigatoriamente o estudo da amortização de unidades industriais em número substancial.

Art. 16.º — Dessa comissão fará parte representantes dos Ministérios da Economia, da Marinha e das Corporações, um delegado do Instituto Português de Conservas de Peixe, o delegado do Governo junto dos grémios dos industriais e exportadores de conservas de peixe e os vogais do conselho geral do Instituto Português de Conservas de Peixe representantes da actividade industrial.

O Presidente da República do Brasil

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

lha raiz da casa solarenga lusitana — daquela que foi lá, não para cansar a terra, mas sim para se confundir com ela, embora com o sacrificio, não só de vidas mas, também, o de bens que comprometiam, sem a menor sombra de esperança, o porvir de muitas gerações inteiras.

Nem o monocultivo assustador, essa praga de muitos esboços de sociedade equatorial, nem a doença dizimadora, bastaram para afastar o português do Brasil e, nessa dádiva, que perdura, do sangue e da inteligência, vê-se que os nossos comuns maiores viam, nitidamente, por entre as auras dos seus sonhos, a trágica realidade das terras nuas que era urgente povoar, e das cidades e vias de comunicação que haviam de construir-se, para converter o sertão no centro animado e civilizado que hoje é, acolhedor de uma povoação de quase cem milhões de habitantes e promissora de abrigo de mil milhões, quando o trabalho e a inteligência do brasileiro consigam converter o rio-continente, que é o Amazonas, num novo Nilo, num Mississipi da América do Sul, mas com perspectivas milhões de vezes maiores, na sua bacia de quatro milhões de quilómetros, onde milhares de rios escoam águas, há séculos, para o Atlântico, em busca de uma camada de húmus suficientemente consistente para permitir a conversão de uma civilização lacustre numa civilização de terra-a-dentro. Basta, porém, no capítulo «adaptação», o nome imenso do general Rondó, o grande conquistador da selva, para impor o Brasil ao mundo assombrado.

Além das amizades e dos comuns interesses que, quais outros florões,

Assim veio o tratado de consulta e amizade vertebral o que, no espírito de todos os brasileiros e de todos os portugueses, sem excepção, já era tímida realidade e encarescido afecto: a Comunidade dos dois agregados de Estados. E, se já mais Portugal, como o Brasil, admitiu segregações raciais, pelo que, tanto um como o outro país, souberam fazer dos seus núcleos de colonos ainda não adaptados outros tantos estandartes de amizade e concórdia, agora, nesta hora alta dos nossos comuns destinos mundiais, sem sombra de conflito ou desejos de desnecessárias preponderâncias, é que renascemos e de novo queremos ser, imperativamente, o que a nossa dignidade consagra: dois grandes países que, na leal execução dos tratados, têm sabido impor-se a todos os outros, sem dúvidas ou a menor nota desarmonia, já que tudo o que é brasileiro, reciprocamente, é português, sem nenhuma limitação.

Dentro de poucos dias, quando o senhor doutor Café Filho pisar terra de Portugal, como Presidente da República do Brasil, encontrará entre nós todos, como ainda há pouco tempo, o mesmo afecto e simpatia que enaltece a fiel e honrada conduta de povos exemplares no seu comportamento cívico, histórico e, já agora, diplomático. Que receba, pois, o chefe de Estado do Brasil, a cálida saudação dos jornalistas de Portugal.

Como Vd. ve, Senhor Director, a reunião não fué esteril e ademais, allí nació lo más importante para realizar toda obra, que es la voluntad de llevarla a cabo. Soy por lo tanto, como Vd. optimista en que dentro de poco ese puerto verá desaparecido el obstáculo que ahora encuentra para la navegación y obtendrá el rango e importancia debidos a su condición de puerto del Algarve.

Si lo considera conveniente, puede dar a sus numerosos lectores, conocimiento de esta carta y reciba con este motivo un atento saludo de su affmo.

Enrique Suárez de Puga

Além das amizades e dos comuns interesses que, quais outros florões,

A DRAGAGEM DA BARRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

la industrias establecidas a ambas márgenes, se aprovecharían igualmente de las obras realizadas.

Segundo. — Se llegó a un acuerdo sobre el aspecto técnico de los trabajos. Las dimensiones del futuro canal de momento serían de 4 metros en bajamar viva y de 100 metros de anchura, a reserva de aumentar las dimensiones si las condiciones de tráfico lo exigían.

Tercero. — Se llegó a un acuerdo sobre la colaboración económica y técnica de los trabajos, de forma a llevar una administración conjunta de las obras.

Las autoridades del Puerto de Huelva, considerando la urgencia de las obras, comunicaron a las autoridades portuguesas presentes, que tenían dispuestos los fondos para comenzar inmediatamente las obras, quedando estas en resolver lo antes posible el aspecto económico de los futuros trabajos.

Como Vd. ve, Señor Director, la reunión no fué esteril y ademais, allí nació lo más importante para realizar toda obra, que es la voluntad de llevarla a cabo. Soy por lo tanto, como Vd. optimista en que dentro de poco ese puerto verá desaparecido el obstáculo que ahora encuentra para la navegación y obtendrá el rango e importancia debidos a su condición de puerto del Algarve.

Si lo considera conveniente, puede dar a sus numerosos lectores, conocimiento de esta carta y reciba con este motivo un atento saludo de su affmo.

Enrique Suárez de Puga

engrinaldam a tradicional amizade luso-brasileira, além de todos esses motivos sentimentais e económicos — um outro motivo, bem mais recente mas nem por isso menos eficiente, corou o imenso esforço desenvolvido, inteligentemente, pelas nossas chancelarias: a de Lisboa, dirigida pelo eminente professor Paulo da Cunha, e a do Rio de Janeiro, dirigida pelo grande diplomata que é o doutor Raúl Fernandes, actual ministro do Itamaraty. Esse instrumento histórico é o tratado de Amizade e Consulta entre os dois países, e nele há, não só a presciência dos Chefes de Estado e Governo dos dois impérios atlânticos da Euro-Africa e Euro-América mas, ainda e sobretudo, o espírito de adivinhação, bem inteligente e cristão dos que abnegadamente, modestamente, tanto se têm esforçado por dar, com o corpo, o cérebro e o espírito, a maior amplitude a esse cristalizar definitivo das relações inter-países, que são Estados de muitos e variados interesses, mas de uma só alma e de um só conceito civilizador: Portugal, o Brasil, não são meras abstracções, mas autênticas realidades tidas e havidas por tais nas assembleias em que se concertam os fabulosos interesses do Universo em crise criadora.

Assim veio o tratado de consulta e amizade vertebral o que, no espírito de todos os brasileiros e de todos os portugueses, sem excepção, já era tímida realidade e encarescido afecto: a Comunidade dos dois agregados de Estados. E, se já mais Portugal, como o Brasil, admitiu segregações raciais, pelo que, tanto um como o outro país, souberam fazer dos seus núcleos de colonos ainda não adaptados outros tantos estandartes de amizade e concórdia, agora, nesta hora alta dos nossos comuns destinos mundiais, sem sombra de conflito ou desejos de desnecessárias preponderâncias, é que renascemos e de novo queremos ser, imperativamente, o que a nossa dignidade consagra: dois grandes países que, na leal execução dos tratados, têm sabido impor-se a todos os outros, sem dúvidas ou a menor nota desarmonia, já que tudo o que é brasileiro, reciprocamente, é português, sem nenhuma limitação.

Dentro de poucos dias, quando o senhor doutor Café Filho pisar terra de Portugal, como Presidente da República do Brasil, encontrará entre nós todos, como ainda há pouco tempo, o mesmo afecto e simpatia que enaltece a fiel e honrada conduta de povos exemplares no seu comportamento cívico, histórico e, já agora, diplomático. Que receba, pois, o chefe de Estado do Brasil, a cálida saudação dos jornalistas de Portugal.

Como Vd. ve, Senhor Director, a reunião não fué esteril e ademais, allí nació lo más importante para realizar toda obra, que es la voluntad de llevarla a cabo. Soy por lo tanto, como Vd. optimista en que dentro de poco ese puerto verá desaparecido el obstáculo que ahora encuentra para la navegación y obtendrá el rango e importancia debidos a su condición de puerto del Algarve.

Si lo considera conveniente, puede dar a sus numerosos lectores, conocimiento de esta carta y reciba con este motivo un atento saludo de su affmo.

Enrique Suárez de Puga

Assim veio o tratado de consulta e amizade vertebral o que, no espírito de todos os brasileiros e de todos os portugueses, sem excepção, já era tímida realidade e encarescido afecto: a Comunidade dos dois agregados de Estados. E, se já mais Portugal, como o Brasil, admitiu segregações raciais, pelo que, tanto um como o outro país, souberam fazer dos seus núcleos de colonos ainda não adaptados outros tantos estandartes de amizade e concórdia, agora, nesta hora alta dos nossos comuns destinos mundiais, sem sombra de conflito ou desejos de desnecessárias preponderâncias, é que renascemos e de novo queremos ser, imperativamente, o que a nossa dignidade consagra: dois grandes países que, na leal execução dos tratados, têm sabido impor-se a todos os outros, sem dúvidas ou a menor nota desarmonia, já que tudo o que é brasileiro, reciprocamente, é português, sem nenhuma limitação.

Dentro de poucos dias, quando o senhor doutor Café Filho pisar terra de Portugal, como Presidente da República do Brasil, encontrará entre nós todos, como ainda há pouco tempo, o mesmo afecto e simpatia que enaltece a fiel e honrada conduta de povos exemplares no seu comportamento cívico, histórico e, já agora, diplomático. Que receba, pois, o chefe de Estado do Brasil, a cálida saudação dos jornalistas de Portugal.

Como Vd. ve, Senhor Director, a reunião não fué esteril e ademais, allí nació lo más importante para realizar toda obra, que es la voluntad de llevarla a cabo. Soy por lo tanto, como Vd. optimista en que dentro de poco ese puerto verá desaparecido el obstáculo que ahora encuentra para la navegación y obtendrá el rango e importancia debidos a su condición de puerto del Algarve.

Si lo considera conveniente, puede dar a sus numerosos lectores, conocimiento de esta carta y reciba con este motivo un atento saludo de su affmo.

Enrique Suárez de Puga

Assim veio o tratado de consulta e amizade vertebral o que, no espírito de todos os brasileiros e de todos os portugueses, sem excepção, já era tímida realidade e encarescido afecto: a Comunidade dos dois agregados de Estados. E, se já mais Portugal, como o Brasil, admitiu segregações raciais, pelo que, tanto um como o outro país, souberam fazer dos seus núcleos de colonos ainda não adaptados outros tantos estandartes de amizade e concórdia, agora, nesta hora alta dos nossos comuns destinos mundiais, sem sombra de conflito ou desejos de desnecessárias preponderâncias, é que renascemos e de novo queremos ser, imperativamente, o que a nossa dignidade consagra: dois grandes países que, na leal execução dos tratados, têm sabido impor-se a todos os outros, sem dúvidas ou a menor nota desarmonia, já que tudo o que é brasileiro, reciprocamente, é português, sem nenhuma limitação.

Dentro de poucos dias, quando o senhor doutor Café Filho pisar terra de Portugal, como Presidente da República do Brasil, encontrará entre nós todos, como ainda há pouco tempo, o mesmo afecto e simpatia que enaltece a fiel e honrada conduta de povos exemplares no seu comportamento cívico, histórico e, já agora, diplomático. Que receba, pois, o chefe de Estado do Brasil, a cálida saudação dos jornalistas de Portugal.

Como Vd. ve, Senhor Director, a reunião não fué esteril e ademais, allí nació lo más importante para realizar toda obra, que es la voluntad de llevarla a cabo. Soy por lo tanto, como Vd. optimista en que dentro de poco ese puerto verá desaparecido el obstáculo que ahora encuentra para la navegación y obtendrá el rango e importancia debidos a su condición de puerto del Algarve.

Si lo considera conveniente, puede dar a sus numerosos lectores, conocimiento de esta carta y reciba con este motivo un atento saludo de su affmo.

Enrique Suárez de Puga

Tinturaria Portuguesa APARTADO N.º 21 MATOSINHOS